

SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0146/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 02/06/2025

Ministros árabes denunciam 'arrogância' israelense por bloquear visita à Cisjordânia



O ministro das Relações Exteriores da Jordânia, Ayman Safadi, o ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan Al Saud, o ministro das Relações Exteriores do Egipto, Badr Abdelatty, o ministro das Relações Exteriores do Bahrein, Abdullatif bin Rashid Al Zayani, e o secretário-geral da Liga Árabe, Ahmed Aboul Gheit, do Comitê Ministerial designado pela Cúpula Extraordinária Árabe-Islâmica Conjunta em Gaza, reuniram ontem em Amã, Jordânia.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, disse que a recusa do governo israelense em permitir que ministros árabes entrem na Cisjordânia ocupada mostrou seu "extremismo e rejeição à paz". Suas declarações foram feitas durante uma colectiva de imprensa conjunta com colegas da Jordânia, Egipto e Bahrein em Amã. Os ministros árabes condenaram o que descreveram como a decisão israelense "arrogante" de proibi-los de visitar a Cisjordânia e sua rejeição a quaisquer esforços de paz.

Membros do Comitê Ministerial designado pela Cúpula Árabe-Islâmica Extraordinária Conjunta em Gaza se reuniram com o Rei Abdullah II da Jordânia em Amã para discutir os esforços de cessar-fogo na Faixa de Gaza e um plano pós-guerra. Durante sua reunião no Palácio Al-Husseiniya, o Rei Abdullah e os ministros enfatizaram a importância do apoio internacional aos palestinos para garantir seus direitos e alcançar a paz por meio de uma solução de dois Estados.

O Comitê Ministerial, composto pelos ministros das Relações Exteriores da Arábia Saudita, Egipto, Jordânia e Bahrein, juntamente com o secretário-geral da Liga Árabe, realizou ontem uma reunião por videoconferência em Amã com o presidente palestino, Mahmoud Abbas, e seu vice, Hussein Al-Sheikh, e Mohammad Mustafa, primeiro-ministro e ministro das Relações Exteriores.

Ayman Al-Safadi, ministro das Relações Exteriores da Jordânia, disse que o "governo israelense continua a matar todas as chances de paz na região" depois que a visita do comitê foi bloqueada no passado sábado.

O Príncipe Faisal bin Farhan ecoou esses sentimentos e acrescentou que a Autoridade Palestina continuou a cumprir seus deveres enquanto enfrentava um partido que não queria nenhuma solução.

O ministro das Relações Exteriores do Egipto, Badr Abdelatty, disse à Agência de Notícias da Jordânia que a Jordânia e o Egipto confrontarão fortemente todos os planos israelenses de deslocar os palestinos da Faixa de Gaza e da Cisjordânia. Israel disse que não permitirá que uma reunião planejada para ontem na capital administrativa palestina de Ramallah prossiga.

Os ministros também discutiram os preparativos para uma conferência internacional de paz de alto nível em Nova York em junho, co-presidida pelo Reino da Arábia Saudita e pela França, com o objectivo de promover a solução de dois Estados com base nas fronteiras de 1967 com Jerusalém Oriental como capital palestina.

O comitê reafirmou o apoio aos esforços de cessar-fogo liderados pelo Egipto, Qatar e EUA, e instou Israel a permitir o acesso humanitário irrestrito e cessar sua escalada na Cisjordânia. Salientou igualmente a importância de uma conferência de reconstrução de Gaza no Cairo na sequência de um cessar-fogo.

Os ministros condenaram Israel por bloquear sua visita planejada a Ramallah, chamando-a de violação das normas diplomáticas. O presidente Abbas saudou os esforços do comitê, reiterou o compromisso de seu governo com a reforma, a paz e a não-violência e pediu apoio internacional e a liberação de fundos palestinos retidos. **Fonte-Arab News**.

Ministro do Interior saudita revisa infraestrutura do Hajj e homenageia forças de segurança



O ministro do Interior do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Abdulaziz bin Saud bin Naif, inaugura um hospital de campanha em Arafat.

O ministro do Interior do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Abdulaziz bin Saud bin Naif, inaugurou um hospital de campanha em Arafat, que é operado pela Administração Geral de Serviços Médicos do ministério. A instalação de 100 leitos está equipada com tecnologia médica avançada e conta com equipes especializadas para fornecer atendimento de emergência rápido aos peregrinos.

O Príncipe Abdulaziz também lançou um sistema inteligente de pulseira de saúde para o pessoal de segurança, permitindo o monitoramento em tempo real dos sinais vitais e fornecendo alertas aos centros de comando para melhorar a prontidão médica.

O ministro também participou numa cerimônia em homenagem às Forças de Segurança do Hajj e foi informado sobre a prontidão operacional durante exercícios de campo com veículos especializados, unidades de aviação e sistemas de controle de multidões.

O tenente-general Mohammed Al-Bassami, director de segurança pública, disse que a liderança saudita mobilizou todos os recursos para garantir a segurança dos peregrinos, observando que uma forte coordenação levou a resultados excelentes.

O ministro também revisou as actualizações de infraestrutura nos locais sagrados, incluindo a fase dois do caminho Mashaer, que possui piso de borracha ecológico para facilitar o movimento e reduzir o calor. Ele inspecionou novos sistemas de sombreamento e resfriamento na Mesquita Namirah projectados para melhorar o conforto durante as orações. Sua turnê foi concluída no novo hospital de emergência de Mina, que expandiu a capacidade de atendimento de urgência, com seus serviços atendendo aos padrões globais.

O Príncipe Abdulaziz também visitou o Centro de Operações de Imprensa do Hajj com Salman Al-Dossary, ministro da Informação, e recebeu instruções sobre a cobertura unificada da imprensa. Ele viu a Vitrine e Exposição de Transformação do Hajj do centro de imprensa do Hajj, que mostra os serviços de 11 entidades públicas e privadas. **Fonte-Arab News.**

Ministério da Cultura saudita lança bolsa para incentivar pesquisas sobre as relações culturais saudita-chinesa



Imagem mostrando as bandeiras saudita e chinesa.

O Ministério da Cultura do Reino da Arábia Saudita anunciou o lançamento da Bolsa de Pesquisa de Relações Culturais Saudita-Chinesa. A nova iniciativa foi projectada para apoiar a pesquisa acadêmica que fortalece o entendimento mútuo e incentiva a colaboração acadêmica entre o Reino da Arábia Saudita e a República Popular da China. A bolsa convida pesquisadores a apresentar propostas que explorem as conexões históricas, artísticas, linguísticas e culturais entre os dois países, especialmente à medida que os laços políticos e econômicos entre eles continuam a se expandir. A iniciativa reflecte os esforços mais amplos do ministério para promover o compartilhamento de conhecimento e o diálogo intercultural por meio de pesquisas acadêmicas.

Os candidatos são incentivados a abordarem temas como história e patrimônio cultural, artes cênicas e visuais, literatura e tradução, economia cultural e indústrias criativas e o papel das plataformas digitais no intercâmbio cultural contemporâneo. A pesquisa selecionada será publicada em revistas acadêmicas revisadas por pares e contribuirá para o enriquecimento do campo dos estudos culturais saudita-chineses. Os candidatos elegíveis devem possuir um mestrado ou doutorado, ou demonstrar um registro de publicações acadêmicas. As propostas devem ser originais e enviadas por meio do portal oficial. Os resultados serão anunciados em agosto de 2025 e cada bolsa cobrirá um período de pesquisa de um ano. **Fonte-Arab News**.

KSrelief estende ajuda à Síria, Somália e Sudão



A KSrelief continua a causar um impacto global significativo, fornecendo assistência crítica a algumas das comunidades mais vulneráveis do mundo.

A agência de ajuda saudita KSrelief continua a causar um impacto global significativo, fornecendo assistência a algumas das comunidades mais vulneráveis do mundo. A organização distribuiu 2.290 cestas básicas e kits de higiene em Sarmada, na província de Idlib, na República Árabe da Síria, beneficiando 6.870 pessoas. Esse esforço faz parte da segunda fase de um projecto para aliviar o sofrimento das famílias sírias.

A KSrelief na Somália distribuiu 1.200 cestas básicas para as famílias mais necessitadas no distrito de Baidoa, na região da baía, ajudando 7.200 pessoas e apoiando a segurança alimentar de grupos vulneráveis.

A KSrelief no Sudão distribuiu 825 cestas básicas para as famílias mais necessitadas do estado do Nilo Azul, ajudando 3.986 pessoas. Essa ajuda faz parte dos esforços humanitários mais amplos do Reino da Arábia Saudita para apoiar a população sudanesa em meio à crise em curso no país. Desde o seu lançamento em maio de 2015, a KSrelief implementou 3.438 projectos no valor de mais de US$ 7,9 bilhões em 107 países, em parceria com mais de 318 organizações. **Fonte-Arab News.**

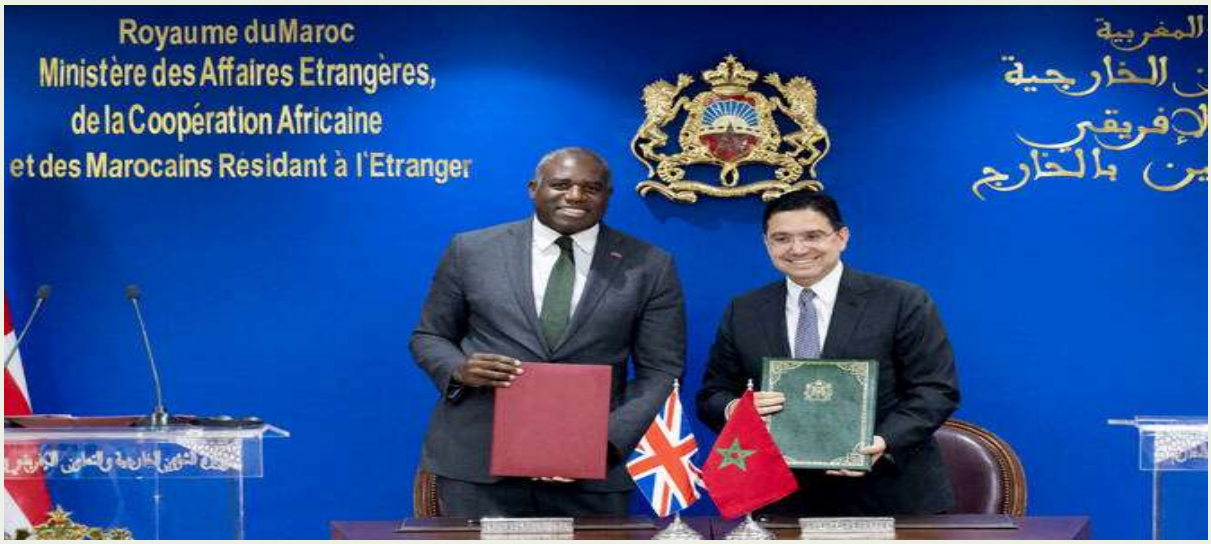
Ministro das Relações Exteriores do Egipto pede fim da guerra de Israel em Gaza durante ligação com enviado dos EUA

O ministro das Relações Exteriores do Egipto, Badr Abdelatty, pediu a cessação imediata da agressão de Israel à Faixa de Gaza durante um telefonema recebido de Steve Witkoff, enviado especial do presidente dos Estados Unidos ao Médio Oriente. Abdelatty disse que a comunidade internacional deve priorizar o bem-

estar dos palestinos que sofrem e pediu a entrega irrestrita de ajuda ao enclave. Ele enfatizou que apenas um acordo político poderia garantir uma solução justa e duradoura para a ocupação israelense da terra palestina. E isso se alinharia com a visão do presidente Donald Trump de uma paz sustentável no Médio Oriente.

Abdelatty era membro do comitê ministerial designado pela Cúpula Extraordinária Árabe-Islâmica Conjunta sobre Gaza, que Israel impediu ontem de visitar a Cisjordânia ocupada para se reunir com autoridades palestinas em Ramallah. Ministros árabes, do Reino da Arábia Saudita, Bahrein, Jordânia e Egipto, e o secretário-geral da Liga Árabe, condenaram o que descreveram como a decisão "arrogante" de Israel de bloquear sua visita e sua rejeição a quaisquer esforços de paz. **Fonte-Reuters**.

Argélia 'lamenta' que a Grã-Bretanha apoie o plano de autonomia do Marrocos para o Sahara Ocidental



O secretário de Relações Exteriores da Grã-Bretanha, David Lammy (esq.), e seu homólogo marroquino, Nasser Bourita, assinaram ontem acordos em Rabat em 1º de junho de 2025.

O Ministério das Relações Exteriores da Argélia disse ontem que "lamenta" a decisão da Grã-Bretanha de apoiar o plano de autonomia do Marrocos para o território disputado do Saara Ocidental, derrubando uma política de décadas em favor da autodeterminação. "A Argélia lamenta a escolha feita pelo Reino Unido de apoiar o plano de autonomia marroquino. Em 18 anos de existência, este plano nunca foi submetido aos saharauis como base para negociação, nem nunca foi levado a sério pelos sucessivos enviados da ONU", disse o ministério em comunicado. **Fonte-Reuters**.

Egipto revela plano para nova cidade no deserto em mais recente megaprojecto



O Egipto revelou planos para um vasto novo desenvolvimento urbano a oeste do Cairo, onde um canal artificial do rio Nilo acabará por serpentear pelo que antes era um deserto árido. A nova cidade, chamada Jirian, que significa "Fluxo" em árabe, faz parte do esquema do Delta do Nilo do Egito, uma enorme iniciativa agrícola para recuperar cerca de 2,5 milhões de acres a oeste do Delta do Nilo original.

O ambicioso projeto agrícola, iniciado em 2021, busca aumentar a produção de culturas estratégicas, como trigo e milho, reduzindo a conta de importação de alimentos do país do norte da África. O projecto é o mais recente de uma série de megaprojetos lançados pelo presidente Abdel Fattah El-Sisi nos últimos anos, incluindo uma nova capital administrativa a leste do Cairo. Embora as autoridades digam que esses projectos são fundamentais para o crescimento de longo prazo do Egipto, eles também contribuíram para a crescente dívida externa do país, que quadruplicou desde 2015 para atingir US$ 155,2 bilhões no final de 2024.

O país também recebeu bilhões de dólares do Fundo Monetário Internacional e da UE para garantir sua estabilidade financeira, com a UE prometendo mais bilhões no mês passado. Ontem, em um evento de lançamento, o primeiro-ministro egípcio, Moustafa Madbouli, chamou o projecto Jirian de "uma revolução urbana e de desenvolvimento". Ele acrescentou que criaria 250.000 empregos e serviria como a pedra angular de uma zona de desenvolvimento mais ampla, equivalente em tamanho a quatro a cinco províncias. "Estamos falando de desenvolvimento de espectro total", disse ele a repórteres, descrevendo uma extensa zona urbana que incluirá indústria, centros logísticos e residências para "entre 2,5 e 3 milhões de famílias".

O governo não divulgou o custo total do projecto, que está sendo desenvolvido em parceria com três grandes imobiliárias egípcias. O novo projecto do Delta do Nilo chega em um momento em que o Egipto já está sob pressão para garantir

seu futuro hídrico. Com 97% de sua água doce proveniente do Nilo, o país está preso em uma disputa de anos com Adis Abeba sobre a Grande Barragem do Renascimento Ethíope, que o Cairo teme que possa reduzir os fluxos de água a jusante. **Fonte-Reuters**.

Paquistão e Afeganistão concordam em estabelecer 'confiança mútua' em meio à melhoria dos laços bilaterais



Esta fotografia tirada em 19 de abril de 2025 e divulgada pelo Ministério das Relações Exteriores do Paquistão mostra o ministro das Relações Exteriores do país, Ishaq Dar (L), apertando a mão de seu homólogo afegão, Amir Khan Muttaqi, durante uma reunião.

Os ministros das Relações Exteriores do Paquistão e do Afeganistão concordaram ontem em continuar trabalhando para estabelecer "confiança mútua" entre as duas nações, informou o Ministério das Relações Exteriores do Paquistão em um comunicado, em comunicado. O Paquistão e o Afeganistão concordaram em melhorar as relações diplomáticas, com Islamabad anunciando que elevaria seu encarregado de negócios em Cabul ao posto de embaixador. Cabul disse que retribuiria a mudança. Os laços entre os dois países têm sido tensos nos últimos anos, com o Paquistão acusando o governo do Talibã do Afeganistão de abrigar militantes envolvidos em ataques transfronteiriços, levando a uma campanha de deportação contra cidadãos afegãos indocumentados. Cabul criticou a campanha de deportação do Paquistão e negou que seus cidadãos estejam envolvidos em crimes em solo paquistanês. **Fonte-Reuters.**

Exército israelense intercepta míssil do Iêmen após sirenes de ataque aéreo soarem

O Exército israelense disse ontem ter interceptado um míssil disparado do Iêmen, depois que sirenes de ataque aéreo soaram em Jerusalém e outras cidades. "Após as sirenes que soaram ontem em várias áreas de Israel, um míssil lançado do Iêmen foi interceptado", disse o Exército em um comunicado. Os insurgentes houthis do Iêmen alegaram mais tarde ter disparado um "míssil balístico" no aeroporto Ben Gurion, em Israel. O porta-voz militar do grupo, Yehya Saree, disse que três drones também foram lançados contra Israel. O grupo apoiado pelo Irão lançou repetidamente mísseis e drones contra Israel desde o

início da guerra em Gaza em outubro de 2023, com o ataque do grupo militante palestino Hamas a Israel. Quase todos os projécteis foram interceptados. A interceptação de ontem ocorreu após outro ataque relatado na passada quinta-feira reivindicado pelos militantes iemenitas. Os houthis, que dizem estar agindo em solidariedade aos palestinos, interromperam seus ataques durante um cessar-fogo de dois meses em Gaza que terminou em março, mas recomeçaram depois que Israel retomou sua campanha militar no território. Embora a maioria dos projéteis tenha sido interceptada, um míssil disparado no início de maio atingiu o perímetro do aeroporto Ben Gurion pela primeira vez. Israel realizou vários ataques no Iêmen em retaliação aos ataques, inclusive em portos e no aeroporto da capital Sanaa. **Fonte-Reuters**.

ONG médica culpa novo grupo de ajuda dos EUA pelo caos mortal em Gaza



Palestinos deslocados empurram um carrinho com corpos depois que pessoas foram atingidas por fogo israelense enquanto se dirigiam ontem a um centro de distribuição de alimentos em Rafah, no sul da Faixa de Gaza.

A organização humanitária Médicos Sem Fronteiras disse ontem que as pessoas tratadas em um local de ajuda em Gaza administrado por uma nova organização apoiada pelos Estados Unidos relataram ter sido "baleadas por todos os lados" pelas forças israelenses.

A ONG, conhecida pelo nome francês MSF, culpou o sistema de distribuição de ajuda da Fundação Humanitária de Gaza pelo caos no local na cidade de Rafah, no sul de Gaza. A agência de defesa civil de Gaza disse que o fogo israelense matou 31 palestinos no local. Testemunhas disseram que os militares israelenses abriram fogo.

"Os pacientes disseram a MSF que foram baleados de todos os lados por drones, helicópteros, barcos, tanques e soldados israelenses no solo", disse MSF em um comunicado. A coordenadora de emergência de MSF, Claire Manera, no comunicado, chamou o sistema de entrega de ajuda da GHF de "desumanizador, perigoso e severamente ineficaz". "Isso resultou em mortes e ferimentos de civis que poderiam ter sido evitados. A ajuda humanitária deve ser fornecida apenas

por organizações humanitárias que tenham competência e determinação para fazê-lo com segurança e eficácia." "Eles nos disseram para levar comida - então eles atiraram de todas as direcções", disse ele. "Isso não é ajuda. É mentira." **Fonte-Reuters.**

Israel está condenado, mas por que demorou tanto?



YOSSI MEKELBERG

31 de maio de 2025



A UE decidiu recentemente iniciar uma revisão do cumprimento por Israel de suas obrigações sob o direito internacional.

Desde a recente decisão da UE de iniciar uma revisão do cumprimento por Israel das suas obrigações ao abrigo do direito internacional no Acordo de Associação UE-Israel, e depois de o Reino Unido ter suspendido as negociações comerciais com Israel e os líderes do Canadá, França e Reino Unido terem emitido uma declaração conjunta condenando a expansão das operações militares de Israel em Gaza, centenas de palestinianos foram mortos em Gaza em operações militares israelitas.

Em um incidente, nove irmãos da mesma família foram mortos e a guerra ainda está em andamento. Então, perdoe-me se acho difícil ficar muito animado com essas últimas manobras diplomáticas para parar o derramamento de sangue sem sentido, especialmente porque essa abordagem ainda é desdentada, sem trabalho em nenhum prazo para a introdução de medidas tangíveis.

Também é verdade que o argumento "antes tarde do que nunca" dificilmente se sustenta. Sim, se esses passos de bebê forem o início de um esforço internacional concertado para acabar com a guerra, eles se tornarão imensamente valiosos, mas há muitas dúvidas sobre o quão eficazes serão - e se não forem, o que esses países pretendem fazer. Há também a pergunta dolorosa e persistente: por que eles demoraram tanto? Afinal, cada dia de atraso em parar a guerra resultou na morte de muitas dezenas de pessoas, às vezes até 100 por dia, a maioria delas não combatentes. No final de maio, nove dos 10 filhos da Dra. Alaa Al-Najjar e seu marido, Dr. Hamid, foram mortos em um ataque aéreo israelense enquanto ela

estava de plantão no hospital médico Nasser. Apenas Hamid e um de seus filhos sobreviveram, embora ambos tenham ficado gravemente feridos.

Como alguém poderia permanecer indiferente diante de uma tragédia como essa, e que poderia ter sido evitada, se os termos do cessar-fogo acordado em janeiro tivessem sido respeitados? Este é apenas um caso de uma família inteira ou de uma grande parte deles sendo dizimada nesta guerra. Se essa tragédia dolorosa não comover o mundo o suficiente para garantir que o governo israelense pare com essa guerra, o que o fará?

Todos os alarmes sobre como Israel conduziria a guerra em Gaza estavam soando desde a primeira semana do conflito. Sem tirar nada da raiva genuína pelo que o Hamas infligiu em 7 de outubro, o desejo de vingança, e não apenas contra aqueles que realizaram o ataque, mas contra toda a população de Gaza, foi instantaneamente aparente. A alegação infundada de que todas as pessoas em Gaza foram cúmplices do massacre deveria ter sido um sinal de alerta.

Além disso, entre um governo que falhou em defender seu povo com consequências horrendas e não admitiria esse fracasso, e ministros seniores do gabinete que abrigam fantasias messiânicas de expulsar os palestinos de Gaza, anexar a Faixa e reconstruir assentamentos lá, a probabilidade de uma resposta proporcional sempre foi quase nula. Portanto, a UE, o Reino Unido e o Canadá não deveriam ter levado 19 meses longos e encharcados de sangue para descobrir isso.

Parte da explicação para a falta de vontade por parte daqueles que de repente encontraram sua voz nas últimas duas semanas e descreveram o que alguns ministros israelenses estão sugerindo que será o próximo estágio da guerra em Gaza como "extremista", "perigoso" e "monstruoso" é que sua suposição de trabalho tem sido que apenas Washington pode fazer a diferença. e que, na melhor das hipóteses, eles só poderiam desempenhar um papel coadjuvante. Este tem sido mais um caso de renunciar à responsabilidade e evitar atritos, com Israel em particular, na esperança de que os EUA usassem sua influência para acabar com a guerra ou o conflito simplesmente seguisse seu curso.

Isso provou ser equivocado. Imediatamente após o 7 de outubro, a maior parte do mundo, e com razão, mostrou seu apoio à dor e ao trauma de Israel. No entanto, ao mesmo tempo, foi irresponsável e míope dar a um governo de extrema direita liderado por um líder populista que também está sendo julgado por corrupção, e cujo único interesse é a sobrevivência política a qualquer custo, um cheque em branco para responder ao massacre.

Para a Europa, incluindo o Reino Unido, o que acontece na região é importante e pode ter um impacto imediato, seja afectando a segurança energética, as rotas

comerciais, a radicalização dentro de suas próprias sociedades ou ameaçando uma crise de refugiados. Não obstante o compromisso declarado da Europa em garantir os direitos humanos, Bruxelas também subestima o enorme poder econômico, diplomático e social que tem sobre Israel, não para prejudicar sua segurança, mas para fazer exatamente o oposto: salvar o país de si mesmo quando está sendo governado por um governo imprudente. Além disso, pelo menos algumas potências europeias deveriam sentir uma obrigação moral e histórica por serem a causa raiz deste conflito e por o deixarem apodrecer durante tanto tempo.

É chocante que apenas nas últimas duas semanas tenha havido alguns sinais de esforço concertado na Europa, por desespero por não conseguir convencer o governo israelense, ou para parar a guerra e permitir que a ajuda humanitária adequada entrasse no enclave. A principal diplomata da UE, Kaja Kallas, explicou o motivo de sua revisão do acordo de associação que dá a Israel muitas vantagens econômicas e científicas como sendo a situação "catastrófica" em Gaza, com Israel "potencialmente" violando seus compromissos com os direitos humanos no acordo.

No Parlamento do Reino Unido, David Lammy, secretário de Relações Exteriores, disse que a suspensão das negociações comerciais era uma resposta tanto à prevenção de ajuda humanitária chegar a Gaza quanto à intenção de Israel, conforme declarado pelo ministro das Finanças, Bezalel Smotrich, de "limpar" o enclave, com palestinos residentes "sendo realocados para terceiros países". E, fora do personagem, a Alemanha, que tradicionalmente se abstém de criticar Israel, sentiu que não pode mais ficar à margem, com seu novo chanceler Friedrich Merz declarando que causar tanto sofrimento à população civil "não pode mais ser justificado como uma luta contra o terrorismo do Hamas".

Declarações e declarações à parte, a revisão de acordos e a suspensão das negociações não vão mudar o curso de acção de Israel. Nesta conjuntura da guerra, à medida que mais uma vez implanta forças maciças na fronteira e dentro de Gaza, e com as más intenções do governo abertas, a Europa, o Reino Unido e o Canadá terão que ir além de "suspender" e "revisar". Se o fizerem, também pode servir como um alerta para que mais israelenses saiam às ruas e parem com essa loucura assassina de seu governo.

Yossi Mekelberg é professor de relações internacionais e membro associado do Programa MENA-Médio Oriente e Norte de África- da Chatham House. X: @Ymekelberg

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessáriamente o ponto de vista do **Arab News.**